

*F. S.*

FLORIDO TOSCANO

---

BREVES CONSIDERAÇÕES

SOBRE UMA EPIDEMIA

DE

FEBRES TYPHOIDES

---

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

Apresentada e defendida perante a

ESCÓLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO



PORTO

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

66, Rua da Fabrica, 66

—  
1884

36/1 ENC

Para a dia 29 de <sup>te</sup> set. de 1884. fre  
das 11 horas da manhã.

Presidente do Senado  
de Portugal Ant. do Sacramento

Senhor Sr. D. João

João Pires da Silva Lebre

José Carlos Lopes

~~de~~ ~~Porto~~ ~~Occidental~~ ~~rua~~ ~~da~~ ~~Fabrica~~ ~~66~~

Porto—Typ. Occidental, rua da Fabrica, 66

estabelecimento de ~~Porto~~ ~~Occidental~~ ~~rua~~ ~~da~~ ~~Fabrica~~ ~~66~~  
Leiro

# ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

Director

CONSELHEIRO, MANOEL MARIA DA COSTA LEITE

Secretario

RICARDO D'ALMEIDA JORGE

## CORPO CATHEDRATICO

### LENTEES CATHEDRATICOS

1. <sup>a</sup> Cadeira—Anatomia descriptiva e geral . . . . .	João Pereira Dias Lebre.
2. <sup>a</sup> Cadeira—Physiologia . . . . .	Antonio d'Azevedo Maia.
3. <sup>a</sup> Cadeira—Historia natural dos medicamentos. Materia medica . . . . .	Dr. José Carlos Lopes.
4. <sup>a</sup> Cadeira—Pathologia externa e therapeutica externa	Antonio Joaquim de Moraes Caldas
5. <sup>a</sup> Cadeira—Medicina operatoria . . . . .	Pedro Augusto Dias.
6. <sup>a</sup> Cadeira—Partos, doenças das mulheres de parto e dos recém-nascidos . . . . .	Dr. Agostinho Antonio do Souto.
7. <sup>a</sup> Cadeira—Pathologia interna e Therapeutica interna	Antonio d'Oliveira Monteiro.
8. <sup>a</sup> Cadeira—Clinica medica . . . . .	Manoel Rodrigues da Silva Pinto.
9. <sup>a</sup> Cadeira—Clinica cirurgica	Eduardo Pereira Pimenta.
10. <sup>a</sup> Cadeira—Anatomia pathologica . . . . .	Manoel de Jesus Antunes Lemos.
11. <sup>a</sup> Cadeira—Medicina legal, hygiene privada e publica e toxicologia . . . . .	Dr. José F. Ayres de Gouveia Osorio.
12. <sup>a</sup> Cadeira—Pathologia geral, semeiologia e historia medica . . . . .	Illídio Ayres Pereira do Valle.
Pharmacia . . . . .	Isidoro da Fonseca Moura.

### LENTEES JUBILADOS

Secção medica . . . . .	{ Dr. José Pereira Reis. João Xavier d'Oliveira Barros. José d'Andrade Gramacho.
Secção cirurgica . . . . .	
Pharmacia . . . . .	
	Antonio Bernardino d'Almeida. Conselheiro Manoel M. da Costa Leite. Felix da Fonseca Moura.

### LENTEES SUBSTITUTOS

Secção medica . . . . .	{ Vicente Urbino de Freitas. Antonio Placido da Costa. Augusto Henrique d'Almeida Brandão.
Secção cirurgica . . . . .	
	Ricardo d'Almeida Jorge.

### LENTE DEMONSTRADOR

Secção cirurgica . . . . .	Candido Augusto Correia de Pinho
----------------------------	----------------------------------

A Escóla não responde pelas doutrinas expendidas nas dissertações e enunciadas nas proposições.

(REGULAMENTO DA ESCÓLA, de 24 d'abril de 1840, art. 155.º)

A

MEUS PAES

AO

SEU PRESIDENTE

O ILL.<sup>mo</sup> E EX.<sup>mo</sup> SNR.

Dr. Agostinho Antonio do Souto

Homenagem ao seu muito talento  
e saber, e reconhecimento pelos  
seus obsequios.

A

MEUS IRMÃOS

*Maria Albina Florido Toscano*

*Albino Florido da Cunha Toscano.*

## INTRODUÇÃO

---

Versa o modestissimo trabalho que temos a honra de submeter á apreciação do illustrado jury que tem de julgar a ultima prova do nosso tyrocinio escolar sobre febre typhoide.

Parecerá á primeira vista uma audacia inadmissivel, da nossa parte, escolher para a nossa dissertação inaugural um assumpto de tal magnitude; e tanto mais quanto no campo, quasi illimitado da pathologia, não faltava onde respigar materia menos ardua.

Uma circumstancia, porém, nos levou a fixar de preferencia os nossos fracos recursos intellectuaes sobre a doença a que alludimos.

Consiste ella em termos encetado a nossa carreira de clinico no meio d'uma epidemia de febres typhoides que ao tempo grassava em Mira.

Convidado pela esclarecida camara muni-

cipal d'esta villa a prestar o nosso auxilio n'esta conjunctura afflictiva, não hesitamos um momento em fazel-o, apesar de avaliarmos bem as difficuldades que tinhamos a vencer, noviço, como eramos, n'esta especie de pugnas. Os resultados obtidos excederam a nossa expectativa, de forma que nos sentimos animados a dizer alguma coisa, ácerca do que então observamos.

O nosso trabalho representa, não uma obra original, mas uma contribuição, embora insignificante, para o estudo da doença em questão.

Encetamos, como acima dissemos, a nossa vida de medico no meio de uma epidemia de febres typhoides.

N'esta conjunctura fizemos aquillo que qualquer novel clinico faria nas mesmas circumstancias; serviram-nos os meios therapeuticos aconselhados pelos livros. Nem d'outro modo poderiamos proceder attenta a carencia quasi absoluta de dados collidos, na nossa experiencia pessoal, que era nulla. Todavia alguns resultados positivos tiramos d'este primeiro ensaio; resultados que nos poderão aproveitar ulteriormente em condições analogas e que versam principalmente sobre o valor relativo dos meios curativos preconisados pelas diversas auctoridades medicas.

Não foi, porém na therapeutica, que a nossa attenção se fixou de preferencia e é este o ponto que queremos especialmente frisar; foi na etiologia da doença.

Partindo do principio fundamental de que vale mais evitar que remediar, e do facto incontestavel de que a doença era epidemica e obedecia por consequencia a causas geraes, procuramos inquerir com a maior exactidão possivel a natureza d'essas causas.

Por isso compulsamos estatisticas, que adiante apresentamos; notamos as condições hygienicas a que se achayam submettidas as pessoas atacadas; averiguamos as condições climatericas da região em que a molestia se desenvolveu; tentamos, em summa, por uma serie de processos que é inutil especificar n'este lugar, pôr em relevo as causas verdadeiramente preponderantes de que estava dependente a origem e propagação da epidemia.

Depois d'este trabalho, chegamos á conclusão de que as pessimas condições hygienicas em que vegeta uma parte da população d'esta villa, justamente a mais prejudicada pelo mal, e a existencia d'extensos arrosaes, nas proximidades da villa que foram as duas principaes causas que promoveram o desenvolvimento das febres typhoides.

Em vista d'esta conclusão que deviamos

nós fazer para satisfazer a nossa consciencia de clinico... Indicar a origem da doença e contribuir para a eliminação das causas.

Tal é o intuito que nos moveu a escrever a nossa dissertação sobre febres typhoides e fazel-a preceder das ligeiras considerações que ahi ficam.

Possa ao menos esta declaração fazer esquecer aos nossos benevolos juizes os defeitos e imperfeições do nosso humilde trabalho.

## HISTORIA

---

Mira é uma villa de 7:000 almas, situada a 37 kilometros ao occidente de Coimbra.

É regada do sul e leste por um riacho que toma origem na Fervença, e que no seu tracto faz andar cerca de tresentas mós.

A occupação dos habitantes é, de verão, a industria da pesca, e, d'inverno, a agricultura, quer na propria localidade, quer no Alemtejo, para onde costumam emigrar no principio de janeiro, voltando em maio.

Ultimamente desenvolveu-se n'esta localidade a febre da emigração para o Brazil, em tal escala, que ha seis annos a esta parte o numero dos emigrados anda por 772.

Os habitantes são em geral pobres; e nos annos em que a pescaria é escassa não é

raro verem-se aquelles infelizes visitados pela fome.

A alimentação é das mais miseraveis, podendo dizer-se que não passa de caldo e pão de milho.

As habitações são verdadeiros tugurios infectos, sem ar e sem luz, acontecendo muitas vezes habitarem na mesma casa, com os animaes domesticos..

A agricultura consiste principalmente em arroz, milho e feijão, predominando a cultura dos arrosaes.

É para lamentar que terrenos que estão em magnificas condições de produzir toda a qualidade de cereaes sejam apenas utilizados para a cultura do arroz, do que resulta ficarem sendo verdadeiros pantanos.

Até 1848, epocha em que alli se deu principio á uryscultura a villa estava em boas condições hygienicas ; d'então até hoje jámais deixaram de apparecer em grande escala as febres intermittentes e remittentes.

Em 1852, quatro annos depois que se principiou aquella cultura, as intermittentes grassaram com tanta intensidade, que meu pae, então administrador do concelho, viu-se na necessidade de chamar a attenção dos poderes publicos, como se póde ver no Relatorio da Commissão que por ordem do governo foi estudar aquelle assumpto.

Por vezes tambem tem sido aquelle infeliz concelho flagellado com epidemias de febres typhoides, tornando-se mais notaveis pelas victimas que fizeram, as de 1874, 1878 e 1883.

Em 1874, nos lugares da Presa, Portomar, Cabeço, Carapelhos e Corticeiros, o numero das victimas foi aproximadamente de 300. Em 1878, na Parada, Leitões, Ramalheiro e Lentisqueira a febre typhoide victimou 120 pessoas.

Nos fins de 1882 assentou a epidemia o seu quartel general na Ermida, povoação de 70 fogos, e ahi o numero dos obitos foi de 52. É necessario dizer que esta povoação é como que uma ilha no meio dos arrosaes.

Em fins de Fevereiro de 1883, principia ram a apparecer no centro da villa alguns casos de febre typhoide, e foi tal a rapidez com que se desenvolveu a epidemia que em principios d'abril, n'uma area de duzentos metros havia 105 individuos atacados.

Foi n'esta conjunctura afflictiva que o illustrado presidente da camara tomou a iniciativa de chamar a attenção do governo para o estado lamentavel dos seus municipes.

Os soccorros não se fizeram esperar e ainda bem, porque, com o dinheiro enviado pelo governo e alguns recursos com que acudiu a beneficencia publica, fundou-se um hospi-

tal provisório no edificio dos Paços do Concelho, generosamente cedido pela dignissima camara e ahi se abrigaram muitos desgraçados que n'elle procuraram refugio.

A abertura do hospital provisório teve lugar no dia 5 de maio.

De março até ao fim de maio a mortalidade tinha sido fóra do hospital de 48 pessoas; d'ahi até ao fim de agosto, epocha em que se fechou, não houve mortalidade.

Procuramos estudar por dados estatísticos, qual seria a mortalidade antes e depois da cultura dos arrosaes, mas encontramos o registo parochial tam truncado e com tantas omissões que não podemos fazer uma estatística regular. Apenas tiramos os registos desde 1852 até hoje, e como não podemos fazer comparação com os registos anteriores, chamamos apenas a attenção para o pequeno crescimento da população.

Annos	Nasci- mentos	Obitos	Nasci- mentos a mais	Obitos a mais	Annos	Nasci- mentos	Obitos	Nasci- mentos a mais	Obitos a mais
1852	158	153	5	—	1868	186	194	—	8
1853	181	123	58	—	1869	190	163	27	—
1854	177	172	5	—	1870	201	147	54	—
1855	150	251	—	101 <sup>1</sup>	1871	193	131	62	—
1856	216	293	—	77 <sup>2</sup>	1872	205	127	78	—
1857	195	187	8	—	1873	243	120	123	—
1858	191	184	7	—	1874	194	846	—	123 <sup>3</sup>
1859	211	136	75	—	1875	285	130	135	—
1860	220	150	70	—	1876	198	168	30	—
1861	230	115	115	—	1877	195	155	40	—
1862	213	115	98	—	1878	202	176	26	—
1863	207	146	61	—	1879	228	104	124	—
1864	218	143	75	—	1880	221	134	87	—
1865	208	152	56	—	1881	206	162	44	—
1866	190	105	85	—	1882	217	191	26	—
1867	226	168	58	—	1883	232	303	—	72 <sup>4</sup>

1 e 2 Epidemia do cholera morbus.

3 Epidemia de febres typhoides.

4 Epidemia de febres typhoides.

## **Etiologia**

A etiologia da febre typhoide é um dos pontos mais obscuros da sua historia, e que tem dado lugar n'estes ultimos tempos a notaveis investigações e disputas.

Não entraremos n'estas longas e emaranhadas discussões; occupar-nos-hemos sómente de determinar á luz de dados scientificos, estabelecidos tanto quanto possivel, as condições etiologicas da nossa epidemia.

Tem hoje um lugar predominante a theoria que considera a febre typhoide como uma doença contagio-infecciosa, proveniente d'um agente morbigeno especifico; gerado por um organismo doente.

Este agente de infecção e contagio — *bacillus typhosus* para a maior parte dos observadores—encontrar-se-hia especialmente nas dejeções dos typhosos, as quaes infiltradas

nas terras transmittiram nas aguas potaveis a dethienenteria a todos aquelles que d'ellas fizessem uso.

São numerosissimos os factos que militam em favor d'esta doutrina que tem merecido o applauso dos pathologistas.

Mas será ella absoluta e exclusiva? E' de presumir que não.

Condições variadas se tem invocado como capazes de determinar a genese espontanea do agente morbigeno.

Assim a accumulacão de materias fecaes — excluindo o mesmo caso de n'ellas se incluirem as dejecções d'um typhico — é susceptivel de tornar-se um fóco de dothienenteria.

Este modo de vêr, principalmente defendido por Murchison, tem uma enorme importancia prophylatica, sob o ponto de vista das construcções dos esgotos nas grandes cidades.

O miasma não se desenvolveria sómente em taes condições, mas ainda nos detriectos organicos das aguas, o uso das quaes, quando em abundancia, seria morbifico.

Emfim, as proprias variações de nivel de camadas d'agua, em relação ao terreno, são capazes de dar lugar á epidemia de febre typhoide, como foi determinado em Munich.

Como utilizar estes dados, summaria-

mente expostos, com os da nossa propria observação?

As condições especiaes da nossa povoação conglomeram e multiplicam toda esta serie de causas invocadas para a producção da febre typhoide.

Ha uma larga superficie d'arrozoes—agua estagnada, impregnada de detricos organicos e até de materias fecaes; e ainda mais: em muitas localidades é esta a agua que bebem em geral, e quando o não é, a que bebem lhe é bem semelhante pelos principios nocivos que n'ella se contém. Em fim, todas estas aguas estão sujeitas a fluctuações de nivel.

Se a espontaneidade é real, como parece sê-lo, temos no nosso caso elementos typhogenicos de sobra.

Para a infecção pelas vias respiratorias, o miasma d'aquelles grandes paúes; para a infecção pela via gastrica, a infecção da agua contaminada.

Não sabemos, e está ainda por determinar, se estes dois modos se combinam, ou se o segundo exclue o primeiro; é certo, porém, que a via intestinal é pelo menos a principal porta de entrada do veneno typhico.

A verdade é que a nossa epidemia grassou principalmente nas localidades em que a agua é mais impura; o que está d'accordo com a proposição anterior.

A propagação da febre typhoide teria um excellente agente na contaminação das aguas pela dejecção typhica, e para os contagiosistas exclusivos seria essa a unica causa da epidemia.

Seja como fôr, qualquer que seja a doutrina adoptada, e esse é o nosso principal objectivo, os arrosaes tem tido uma influencia nefasta nas epidemias typhicas de Mira, e de que não é licito duvidar.

Vá mais este facto para o rol dos flagellos de que a uryscultura tem sido causa no nosso paiz.

Quando se procederá ao saneamento das povoações em que esta terrivel e malefica cultura se explora?

### **Therapeutica**

No campo especial em que estavamos collocado, o tratamento antityphoso empregado tinha de estar em relação com as causas diversas, e adaptar-se mais ou menos a uma certa ordem de preconceitos.

Imagine-se para dar uma idéa d'estas circumstancias particulares, que tivemos que lutar com uma repugnancia, por vezes insensível da parte dos doentes para o uso dos medicamentos; idéas que por largos annos foram inculcadas no animo d'aquella povoação por um antigo cirurgião, que por espaço de 60 annos ali exerceu a clinica.

Tivemos, por conseguinte, no principio de limitar-nos á medicina expectante, que esteve longe, como era de prever, de dar resultados satisfatorios.

Fomos pouco e pouco introduzindo as ar-

mas therapeuticas, que só conseguimos applicar completamente no hospital provisorio, aonde não houve mortalidade, como se pôde vêr na informação da administração do concelho para o snr. Governador Civil.

Procuramos, tanto quanto possivel, satisfazer a uma certa ordem de regras hygienicas, mandando remover focos d'infecção, taes como extrumes, etc.; arejar os aposentos, coisa para que havia completa negação; desinfectar as habitações com alcatrão, acido phenico, e chloreto de calcio; enterrar profundamente as dejecções dos typhosos e n'essa parte eramos d'um rigorismo extremo.

Notamos que a epidemia era altamente contagiosa, e d'isso tivemos exemplos frisan-tissimos. Casa onde apparecesse um individuo atacado... era contar que as pessoas que habitassem aquella casa com pequena excepção seriam logo feridas da doença, não escapando muitas vezes os visinhos ou pessoas que estavam em immediato contacto com elle.

Por isso aconselhamos tanto quanto possivel o isolamento dos doentes, vendo-nos por vezes, na necessidade de recorrer á autoridade administrativa para que esta prescripção se fizesse observar.

Protestamos sempre contra a dieta rigorosa e mandavamos alimentar os doentes com

alimentos liquidos, caldo, leite e vinho fino, prescrevendo o uso de limonadas vinosas.

Uma das cousas que quasi sem excepção os doentes pediam era o summo de laranja, que moderadamente consentiamos; não nos tendo arrependido por isso.

Não fizemos uso de uma medicação exclusiva, como adiante se póde vêr.

Noviço, como eramos, faltando-nos a experiencia, apalpamos todos os systemas, não nos tendo deixado influenciar por nenhum; o que vamos indicar em breves termos.

*Loções de vinagre aromatico.* Fizemos muito uso d'este medicamento, e devemos dizer que tiramos magnificos resultados. Os doentes que se sentiam com um calôr abrasador, e por conseguinte com um certo máo estar, logo que se lhes applicava a loção ficavam mais descansados, e por vezes debaixo d'esta influencia adormeciam. Era com grande insistencia que reclamavam a loção, que consideravam como a sua salvação.

Além de lhe refrescar a pelle, tinha a grande conveniencia de aromatisar o meio, o que era de uma grande vantagem.

O numero das loções que empregavamos por dia era indicado pelo thermometro, mas doentes houve a que se lhe applicaram doze loções.

*Clysteres frios.* Empregamos os clysteres frios, e, ou talvez pelo pequeno numero que mandavamos dar, quatro por dia, ou porque a agoa não estivesse á temperatura que deveria estar, o que sabemos é que nunca o thermometro accusou sensivel abaixamento do calor geral dos doentes.

*Acido phenico.* Empregamos esta substancia apenas em clysteres na doze de uma gramma para 240 grammas d'agoa, e em numero de quatro nas 24 horas; os resultados foram favoraveis.

Dujardin-Beaumetz no seu excellente livro de Clinica Therapeutica diz que empregando este medicamento notava sempre a frequencia de congestões pulmonares nos doentes a quem fazia esta applicação, e que por isso o abandonou. Só nos veio á mão o livro depois que acabou a epidemia, e por isso não investigamos se, na doze de 8 grammas, como elle applicava é que se davam os phenomenos que menciona.

*Sulfato de quinina.* As primeiras experiencias que no tratamento da febre typhoide se fizeram com o sulfato de quinina foram em 1840 por Broqua.

Em 1842 Briquet e Blache experimentaram tambem em alta doze esta substancia

e obtiveram excellentes resultados. Por alguns annos foi por toda a parte preconizada esta medicação até que foi abandonada.

Na ultima epidemia de febres typhoides que grassou em Paris foi muito empregado o sulfato de quinina, e o resultado que Jaccoud tirou do seu emprego foi tal, que apresentou á Academia de Paris uma memoria com uma estatistica muito animadora sobre o tratamento da febre typhoide.

No hospital provisorio applicamos a muitos doentes o sulfato de quinina, não nas dozes elevadas, como fez Jaccoud mas nas de 1 a 1,50 por dia.

Os resultados foram excellentes, pois que de todos os doentes que no hospital se applicou este meio pharmacologico nenhum falleceu.

Muitos pathologistas empregam o sulfato de quinina em dozes de 3 a 4 grammas, e d'este numero é Liebermeister, para assim obterem um abaixamento de temperatura, que muitas vezes chega a 5°.

Nós nunca excedemos a doze de 1,50 por termos os perigos da acção d'esta substancia quando dada em alta doze a individuos cujas fibras do coração estão degeneradas; caso este que se pode dar em muitos typhosos por causa da acção diuturna dos agentes morbigenos, como n'estes casos.

Quando queríamos que as remissões tivessem lugar de manhã, davamos o medicamento no fim da tarde e vice-versa.

Os resultados que tiramos d'esta medicação foram em extremo animadores.

*Acido salicilico.* Apenas empregamos em um doente esta medicação e como passados dois dias notassemos na urina traços d'albumina não mais nos atrevemos a fazer uso d'ella.

Como se sabe a eliminação do acido salicilico faz-se pelos rins, que achando-se lesados, como muitas vezes acontece em casos de dothienteria este medicamento iria complicar a doença, antes que cural-a.

Dujardin-Beaumetz prefere esta substancia ao sulfato de quinina.

*Alcool.* As propriedades antipyreticas do alcool estão hoje completamente determinadas por numerosos trabalhos experimentaes de abalisados pathologistas.

O abaixamento de temperatura produzido pelo alcool, assim como a duração d'esta hypothermia são proporcionaes á doze.

M. Wollenwcher, fez pesquisas experimentaes sobre este ponto e chegou ás seguintes conclusões:

*Em pequena doze,* o alcool diminue rapida-

mente a temperatura normal; o abaixamento é de 3 a 9 decimas de gráo; o pulso accelera-se e a acção é passageira.

*Em dozes fortes* o abaixamento é mais rapido e dura muito mais tempo; varia entre 2°, 8 e 3°, 8 e persiste de duas a seis horas.

*Em dozes toxicas*, a temperatura desce rapidamente até 4°, 5 abaixo da normal; a morte sobrevem com mais ou menos rapidez.

Mais recentemente, Grebe depois de ter experimentado a acção do alcool sobre a temperatura nos animaes sãos e febricantes conclue:

1.º — Que o alcool, em dozes moderadas nos febricantes augmenta a temperatura de 1º de Fahr., este augmento de curta duração é seguido d'um abaixamento notavel do thermometro.

2.º — Que em alta doze o alcool abaixa logo a temperatura, e este abaixamento pode ser mantido pela administração do medicamento em intervallos regulares.

Foi fundado nas experiencias d'estas duas auctoridades que nós empregamos em grande escala o alcool, não em todos os estados, como quer Jaccoud, mas só nos adynamicos.

*Digitalis*. Com quanto se não possa negar a este medicamento a sua acção como agente moderadôr do processo febril nós

nunca o empregamos; porque se por um lado tem vantagens tem por outro a desvantagem de obrar sobre o coração, que nas febres typhoides, por vezes se acha affectado.

Para se obter um effeito antipyretico com a digitalis é necessario empregar dozes assás elevadas, 0,75 a 1 grammas de folhas em infusão de 100 grammas de agoa, o que a maior parte das vezes provoca perturbações gastricas, nauseas e vomitos, e por vezes enfraquecimento cardiaco que póde levar ao colapso mortal. Julgamos, portanto que só com uma observação minuciosa da parte do coração é que se poderá empregar a digitalis e não nos sobrava tempo para estudos especiaes.

*Cravagem de centeio.* O Dr. Duboué em uma monographia que escreveu sobre os effeitos comparados dos diversos tratamentos na febre typhoide, liga uma tal importancia á cravagem do centeio que nós nos sentimos muito pesarosos por não termos tido conhecimento mais cedo d'esta substancia no tratamento da dothienteria, porque a tirarem-se os resultados que elle aponta ficava sendo a unica substancia que em tal doença se empregaria, não só pela tolerancia que os doentes fem para ella, mas ainda pela sua barateza.

*Banhos frios.* Não empregamos esta medicação por duas razões: primeira, porque tendo compendiado as opiniões dos que approvam e dos que regeitam este methodo de tratamento, pareceu-nos reconhecer que os beneficios não excediam os perigos a que se expunha o doente; em segundo lugar, porque se tivéssemos a infelicidade de sermos mal succedidos a opinião ser-nos-hia de futuro sempre adversa.

*Banhos tepidos.* Também não empregamos este methodo de tratamento, e com quanto este systema nos pareça bom, porque diminue o calôr, conserva o doente n'uma certa limpeza e acalma as excitações nervosas, teem comtudo o inconveniente, quando repetidos, de debilitar extraordinariamente.

*Lençoes molhados.* E', no dizer de Dujardin-Beaumetz um dos melhores revolsivos que se podem empregar no tratamento da febre typhoide; principalmente nas fórmulas ataxo-adynamicas. Para isso aconselha que depois de molhado o lençol se torça e se envolva completamente o doente com elle. Segundo Liebermeister a duração da operação deverá ser de 10 a 20 minutos, e aconselha que se substituam os lençoes duas ou tres vezes, havendo o cuidado de deixar a cabeça

e os pés livres. Contra isto se insurge Dujardin-Beaumetz, dizendo que não deseja nos estados ataxo-adynamicos obter uma refrigeração, mas sim uma modificação reguladora do systema nervoso; e que o effeito será tanto maior quanto a acção do frio tiver sido mais curta.

Não empregamos nunca este tratamento, apesar de termos conhecimento d'elle pelo excellente trabalho do Dr. Rousseau, por isso depender de muitos ajudantes, que nós no hospital não tínhamos.

Eis em breves e resumidos traços a nossa therapeutica na epidemia de febres typhoides de Mira.

Tiramos algumas observações, e d'entre ellas escolhemos algumas que adiante apresentamos, e pela ordem da therapeutica que instituimos. Limitamo-nos a apresentar apenas oito, visto que todas as outras não seriam mais que repetições.

## I Observação

Maria B. 24 annos, solteira, seareira. Teve sempre boa saude, não se lembrando de estar de cama.

Regulada aos 16 annos, e mui regularmente.

Ha cinco dias que ella experimenta dôres nos rins, cephalalgia e febre. Perda total de appetite; constipação, alguns vomitos biliosos córados de verde. Não tem epystaxis.

5 de junho vimos o estado seguinte: a doente está deitada sobre o seu leito n'um estado d'estupôr e abatimento profundo; a face pallida; os olhos estão cerrados, a vista vaga, as narinas seccas: os labios e os dentes rodeados d'espessas fuliginosidades; a lingua secca e rubra na ponta e sobre a parte mediana, e esbranquiçada sobre os bordos; a pelle é abrasadora.

O ventre está um pouco abaulado; a palpação determina um som de gorgolejo na fossa iliaca direita e uma ligeira dôr em todo o abdomen.

A constipação mantem-se; ha vinte e quatro horas que não dejecta. Os vomitos biliosos se reproduzem com frequencia. Na região umbelical veem-se quatro ou cinco manchas roseas lenticulares.

Fazendo assentar a doente, accusa um sentimento de desfallecimento e vertigens muito notaveis. A auscultação nada accusa nem da parte do pulmão nem do coração.

*Tratamento.* Agua de Sedlitz de Chantaud; clysteres.

A temperatura é pouco elevada 38,6 á tarde.

6. — Os vomitos persistem o estupôr é muito asentuado. As urinas são transparentes, pouco abundantes. O purgante determinou muitas dejeções faceis.

Alimentação ligeira; caldo e leite misturado com agoa. Temperatura 38,9 á tarde.

7.— A doente parece sahir um pouco do seu estado de abatimento; a lingua está menos secca, o ventre menos elevado; as manchas roseas empallidecem; o som de gorgolejo persiste.

8. — O mesmo estado; constipação rebelde apesar dos purgativos; desde que a doente se assenta as vertigens são muito notaveis; os labios estão secos, fuliginosos, os dentes se cobrem de uma espessa camada negra. As manchas roseas desapareceram. O mesmo estupôr; apenas a doente responde ás perguntas que se lhe fazem; fica no decubito dorsal sem fazer movimento algum. Temp. m. 39, t. 40,3. Pulso 92. Trat. Agua de sedlitz. Caldo, leite.

9. — Não tem mudança notavel. A constipação persiste. As nadeegas estão rubras e tendem a escharificar-se.

Trat. : calamelanos — uma gramma. Leite. Temp. m. 39,2, t. 39.

10. — Muitas dejeções copiosas depois da administração dos calomelanos.

Estupôr profundo. Durante o dia muitos vomitos biliosos. Temp. 39 de manhã e á tarde.

11. — Durante o dia a doente tem tido uma porção grande de dejeções. Prostração menor, lingua humida, ventre menos elevado. Pulso pequeno, 120 pulsações.

Trat. extracto molle de quina 4 grammas, aguar-dente 60 gr. em 4 dozes nas 24 horas.

12 — Evacuações abundantes, amarelladas. Labios muito seccos. A auscultação dos pulmões e coração nada dão. Temp. m. 38, 2; t. 39,5. Pulso 112.

14. — Alguns fervôres sibilantes no peito. Temp. 37,8 m.; 39-t. Pulso 116.

15. — Temp. m. 39,3; t. 40,2. Pulso 112, sarridos sibilantes em todo o thorax.

Trat.: tintura d'iodo sobre o peito.

16. — A lingua secca, fuliginosa. Diarrhêa abundante. Prostração extrema. Enfraquecimento muito consideravel. Temp. 39,2 m.; 39,8 á tarde. Pulso 112, Leite.

17. — Nova erupção de tres ou quatro manchas roseas lenticulares, sobre o abdomen. Temp. 40,3 m., 40,2; t. Pulso 112.

19. — O mesmo estado.

20. — A doente accusa melhoras, está menos abatida, e ella mesmo diz achar-se melhor.

22. — Não tem diarrhêa. Temp.: 39,8 m., t. 38,2.

24. — Lingua secca. Continua o leite.

25. — Temp., m. 39,7; t. 39,2. Desappareceram as manchas roseas lenticulares. Não dejecta. Agoa Sedlitz.

26. — Temp., m. 38,2; t. 38,7. Consideraveis melhoras.

27. — Temp., m. 38; t. 38,2. Deve de comer. Uma sôpa de pão torrado no caldo.

28. — Temp., m. 37,6; t. 37,9. Gallinha cosida misturada com o caldo.

29. — Temp., m. 37,5; t. 37,6. Bife á tarde.

30 e d'ahi até ao dia 5 de maio dia em que nos despedimos a temperatura conservou-se constante. As funcções gastricas sempre livres.

## II Observação

Anna S. 26 annos solteira, jornaleira. Gosou sempre de uma regular saude.

A 27 d'Abril foi atacada de violenta cephalalgia, diarrhêa e curvatura geral. Algumas nauseas sem vomitos, não tem epystaxis.

10 de Maio, data da primeira observação. Cephalalgia muito viva, surdez: a palpação determina som de gorgolejo e dôr na fossa iliaca direita; epystaxis.

Durante o dia a doente está profundamente abatida, sem energia; desde que se senta sobrevem-lhe vertigens. Manchas roseas lenticulares sobre o abdomen. Os maleolos acham-se edemaciados.

A urina submettida ao calor perturba-se ligeiramente, com o acido azotico dá um preceitado albuminoso pouco intenso. Este estado persiste durante os tres dias seguintes.

A prostração é muito acentuada durante o dia; os labios estão seccos, os dentes e a lingua se cobrem de uma camada fuliginosa espessa.

Os olhos estão profundamente cavados; diarrhêa pouco abundante; pelle secca e quente. Trat. Loções de vinagre aromatico sobre o tronco e pernas, feitas com uma esponja, e repetidas tres ou quatro vezes por dia, enquanto a pelle estiver muito quente.

As noutes são más; a doente falla constantemente e muitas vezes quer-se levantar.

20. — A doente tem uma forte retenção d'urina ha 19 horas; pela sonda extrahiram-se-lhe cerca de 4400 grammas d'urina. O precipitado com o acido nitrico é muitissimo albuminoso.

22. — Noute muito agitada. A doente ourina bem.

23. — O abatimento augmenta durante o dia; a doente responde apenas, diz nada soffrer; as faces estão muito emagrecidas; os olhos encovados e rodeados de um circulo enegrecido; apesar das frequentes lavagens a lingua está coberta de uma espessa camada fuliginosa. Dejecções diarrheicas numerosas. Noute muito agitada.

24. — O mesmo estado geral. Ventre um pouco abaulado, apenas sensivel. Apparecimento de pustulas d'ecthyma, duas na fronte, uma no braço esquerdo, doze nas nadegas; as primeiras se cobrem de crostas, as outras se escavam profundamente com bordos talhados a pique. Trat. vinho aromatico e glyceroleo d'accido phenico. Lingoa secca fendilhada. Pelle abrasadora. Loções de vinagre aromatico.

25. — Agitações nocturnas; durante o dia solta gritos afflictivos, agitação.

26. — Aggravação do estado geral; delirio nocturno. Numerosas phlyctenas appareceram. Morte.

#### MARCHA DE TEMPERATURA

7 de maio	T. 40,5,	
8 de m.	40,2	T. 40,6. Loções
9 de m.	40,0	T. 40,6. Loções
10 de m.	38,8	T. 39,8.
11 de m.	39,0	T. 40,0.
12 de m.	30,0	T. 39,4.
13 de m.	39,2	T. 40,0.
14 de m.	38,5	T. 40,0.
15 de m.	39,0	T. 40,0.
16 de m.	39,4	T. 40,2.
17 de m.	39,4	T. 40,2.
18 de m.	41,0	T. 40,0,

19 de m.	39,0	T. 39,0.
20 de m.	39,2	T. 40,4. Retenção d'urinas por 19 horas.
21 de m.	40,2	T. 41,0.
22 de m.	38,2	T. 30,0.
23 de m.	37,0	T. 38,8. Ecthyma.
24 de m.	38,0	
25 de m.	38,5	T. 38,0.
26 de m.	38,6	T. 38,9. Morte.

### III Observação

Manoel D. 37 annos, casado, carpinteiro. Doente desde 7 d'abril.

Está no oitavo dia de uma febre typhoide, que parece tornar-se grave. Dores de cabeça insomnia, tremuras muito assentuadas da lingua e dos labios, bem como das mãos. Lingoa amarella, um pouco secca. Não tem epystaxis.

Diarrhêa, tensão do ventre, manchas pouco numerosas, dôr e som de gorgolejo na fosse iliaca direita.

Tosse, escarros mucosos, congestão pulmonar, sarridos subcrepitantes, mucosos e sibilantes, sobre tudo na base dos pulmões.

Pelle secca e quente. Temp. 39,5, pul. 108.

15 d'abril, Temp., m. 38,7; t. 39,7. Tosse, congestão pulmonar.

Trat. alcool d'iodo reforçado na região thoracica.

Int. :

Agoardente.....	80	grammas
Xarope de flôr de laranja.....	20	»
Agôa .....	20	»

Para tomar ás colheres.

Café :

16. — Temp., m. 38,9 ; t., 40,3. Pulso.

116. — O mesmo estado.

Trat. Agoa de Sedlitz, como purgativo.

17. — Temp., m. 39,4 ; t. 40,2, o mesmo estado ; lingua mais secca, cephalalgia pouco intensa, sub delirium.

18. — Temp., m. 38,7 ; t. 39,7. O mesmo estado. Epystaxis.

19. — Temp., m. 39,0 ; t. 39,7.

Está mais socegado, e dormiu rasoavelmente de noute. De tarde dyspnêa, congestão pulmonar, sobretudo á direita. Pulso 112.

Trat. Xarope d'ether ; sparadrapo de cantharidas.

20. — Temp., m. e t. 38,9.

21. — Temp., m. 39,0, t. 39,5.

22. — Temp., m. e t. 39. O estado geral é melhor ; a diarrhêa quasi parou, já não ha manchas roseas, só a congestão pulmonar se mantem, principalmente á direita.

23. — Temp., m. 37,5 ; t. 37,9, Epistaxis.

O doente pede de comer.

A lingua está bôa ; o ventre está flaxido.

No caldo duas sôpas de pão torrado.

24. — Principio de convalescença.

25. — Um pouco de gallinha cosida ; sôpa de pão torrado.

26. — Sôpa de leite ; gallinha cosida.

27. — Um pequeno bife. Excelente estado.

5 de maio. — A noute passou-a mal, vomitos repetidos ; colicas sem diarrhêa.

Temp., 39,9 ; pulso 96. No dia antecedente o doente tinha passado excellentemente e comido com appetite. Procurando-se a causa d'esta mudança veio-se

ao conhecimento de que tinha comido uma porção de pão de milho com azeitonas.

Trat. Limonada de citrato de magnesia; dieta.

6. — Temp., m. 39°; t. 40°,4. A recaída confirma-se. Na noite antecedente esteve agitado; de manhã está abatido e fatigado.

A diarrhêa provocada pelo purgativo continua. Dôr e som de gorgolejo na fossa iliaca direita. Língua bôa.

Trat. Poção Tood.

7. — Temp., m. 39°,1, t. 40°.

O estado de estupôr é mais accentuado. Congestão pulmonar.

Diarrhêa, insomnia.

8. — Temp., m. 39°,2, t. 40.

Trat. Loção de vinagre aromatico. Sulfato de quina 1 gr. por quatro vezes.

9. — Temp., m. 39°,1; 39°,7.

Tem cinco manchas lenticulares sobre o abdomen.

Congestão pulmonar intensa.

Trat. Sparadrapo de cantharidas; xarope d'ether.

Loção de vinagre aromatico.

10. — Temp., m. 38°,7; t. 39°,7. A mesma congestão.

11. — Temp., m. 39°,5; t. 39°,9. Menos congestão.

12. — Temp., m. 38°,9; tarde 39°,5.

13. — Temp., m. 38°; t. 39°.

As noites começam a ser melhores, os symptomas geraes do mesmo modo.

Tremuras de mãos muito pronunciadas. Não tem diarrhêa. Emagrecimento muito consideravel. Bebe muito leite.

14. — Temp., m. e t. 39°.

15. — Temp., m. 38°,2; t. 40°.

Opressão, dyspnêa, Pulso 92 Sarridos numerosos do pulmão direito.

Trat. Sinapismos.

Sulfato de quinina, 4, gr.

16. — Temp., m. 37,5; t. 39,7.

Sulfato de quinina 4 gr.

17. — Temp., m. 38,7; t. 39,9.

Sulfato de quinina, 4 gr.

18. — Temp., m. 38°,5; t. 38°,9.

Trat. Sulfato de quinina, 4 gr.

19. — Temp., m. 37°; t. 38°,7.

Pulso, 82.

20. — Temp., m. 37°,5; t. 39,2.

21. — Temp., m. 37,5; t. 38,8.

22. — Temp., m. 37°,7; t. 38°,8.

23. — Temp., m. 37°; t. 38°.

Emagrecimento muito notavel. Appetite pouco pronunciado.

27. — Convalescença um pouco morosa; as forças veem lentamente.

30. — Temp., t. 38°. Queixa-se d'uma dôr na nadega esquerda. Existe com effeito uma saliencia da grandesa d'uma amendôa, molle e fluctuante; é um abscesso.

Trat. Cataplasmas emolientes.

31. — Abertura do abscesso, sahindo d'elle uma grande quantidade de pus misturado com sangue.

Trat. Agoa phenicada, para injeccão.

2 de junho. O abscesso pouco suppura. Appetite regular.

Despedimo-nos.

#### IV Observação

Maria C. 23 annos, solteira, seareira.

Entrou para o hospital provisorio, no dia 15 de junho, havendo já oito dias que estava doente.

Tem febre, não come, não dorme e soffre do ventre.

Ha 4 dias que se acha menstruada, vindo a assistencia com avanço de 8 dias.

Estado geral bom; palavra clara, não tem tremôr dos labios, nem estupôr.

Lingoa um pouco branca, ventre não augmentado de volume, não tem dôr nem som de gorgolejo, na fossa iliaca direita.

Não tem vomitos. Não tem dejectado ha dois dias.

Não tem congestão pulmonar.

Temp., t. 40°,7. Pulso 108. Clyster simples.

16. — Insomnia completa. Leite, caldo. Poção Tood.

Temp., m. 40°; t. 40,1. Pulso 112.

17. — Insomnia. Fim da menstruação.

De tarde abatimento consideravel; lingoa um pouco secca; ligeira agitação; dôr na fossa iliaca direita.

O estado typhoide se torna mais grave. Temp., m. 40; t. 40,7.

P. 116. Loção de vinagre aromatico.

18. — Insomnia, delirio passageiro. Não tem congestão pulmonar. Não dejecta ha 30 horas. Purgativo. Loções do vinagre aromatico. Temp. 39°,9, t. 40,7. Pulso 112.

19. — Temp., m. 39,5; t. 40,5.

P. 110. O mesmo estado.

20. — Temp., m. 40; t. 40,5. Pulso 116.

Apparição de manchas pouco numerosas. Não tem diarrhêa; clyster simples. A' tarde accesso d'opressão durante um quarto d' hora; respiração irregular; suspiros prolongados. Um sinapismo, xarope d'ether. Passada meia hora tinha desaparecido a congestão.

21. — Temp. 39,7; t. 40. O mesmo accesso d'opressão; pallidez de face. A doente repete a meúdo

que vai morrer. Pulso pequeno, molle, frequente. Não tem congestão pulmonar. Sinapismos; xarope d'ether. A crise dura 25 minutos.

22. — Temp., m. 39,7; t. 39,9. Agitação, suores abundantes.

Loções de vinagre aromatico.

23. — Temp., m. 39,7; t. 39,9. Suores.

24. — Temp., m. 39,7; t. 39°. O mesmo estado. Suores.

25. — Temp., m. 39,9; t. 40°,2. Agitação mais forte. 9 loções.

26. — Estado geral mais satisfatorio; lingua menos secca. Temp., m. 39°,2; t. 40°.

27. — Temp., m. 38°,5; t. 39°,5.

28. — Temp., m. 38°,7; t. 39°,5.

29. — Temp., m. 39°,2; t. 39°,4.

30. — Temp., m. 40°; t. 39°,7. Pulso 108.

1 de junho. Temp., m. 38°,2; t. 39°,7; suores.

2. — Temp., m. 38,9; t. 39°,4. Suores.

3. — Temp., m. 38; t. 38°,2. Sôpas.

4. — Apyrexia completa.

5. — O mesmo estado.

6. — Sôpa e um pouco de gallinha desfeita no caldo.

7. — Continuum as melhoras.

8. — E' lhe dado occultamente um pouco de marmellada. Indigestão, vomitos á tarde e á noute. Temp., m. 37°,38°,2.

De 9 a 14 a temperatura se mantêm entre 37° e 38, mas não é regular em suas oscillações.

15. — Temp., m. e t. 37°,9. Come com menos appetite.

16. — Temp., m. 38°,4; t. 58°,9. Não houve desvio de regimen; emoções, inquietações varias.

Supressão da carne. Sôpa e leite.

17. — Temp., m. 40,4; t. 40,2. Pulso 116.

Dieta. Poção Tood. Purgativo.

18. — Temp., m. 39,6; t. 40,2. Lingoa branca, humida.

19. — Temp., m. 39,5; t. 40,2. Má noute, agitação.

Manchas sobre o abdomen em pequeno numero. Não tem dôr nem som de gorgolejo na fossa iliaca direita.

Não tem diarrhêa, nem congestão pulmonar.

20. — Temp., m. 39,2; t. 39,5. Tem dormido. Sêde viva.

21. — Temp., m. 39,5; t. 40. Suor. Sulfato de quinina 4 gr.

22. — Temp., m. 39,5; t. 40,5. Pulso 108: Irregular. Sulfato de quinina 4 gr.

23. — Temp., m. 40; t. 40,2. Pulso 100. Sulfato de quinina 4 gr.

Mais regular. Desappareceram as manchas.

24. — Temp., m. 39,4; t. 39,6. Pulso 100.

25. — Defervescencia rapida.

Temp., m. 38,2; t. 38,3. Sôpa.

26. — Temp., m. 37; t. 37,6. Pulso 88. Appetite. Sôpa. Ovos.

27. — Apyrexia completa. Emagrecimento notavel. Sae curada a 4 d'agosto.

## V Observação

João D. 38 annos, casado, seareiro. Entrou para o hospital provisorio em 7 de julho.

Havia seis dias que estava doente, sentido dôres de cabeça para a tarde, curvatura, impossibilidade de trabalhar, calefrios, suores de noute. Insomnia.

Não tem vomitos, nem diarrhêa; perda completa d'appetite.

Lingoa branca.

Tosse; escarros mucosos.

Algumas manchas roseas; som de gorgolejo e dôr na fossa iliaca direita.

Pulso frequente, 112.

Temp. 40°,7.

8. — Temp. m. e t. 40°.

Traf. Poção Tood. Purgativo. Loção de vinagre aromatico.

9. — Temp., m. 39°,4; t. 40°. Loção.

10. — Temp., m. 38,9; t. 40,5.

O mesmo estado geral. Não tem delirio.

11. — Temp., m. 39,5; t. 40°, loção.

12. — Temp., m. 38,8; t. 38,7. Desappareceram-lhe as manchas róseas. Não tem diarrhêa.

Lingoa bôa. Pedê que se lhe dê comer.

13. — Temp., m. 37,6; t. 38. Sôpa.

14. — Apyrexia completa. Bom estado geral. Não se acha muito emagrecido.

17. — Levanta-se, pede de comer, concede-se algum alimento, que elle acha insufficiente. Enfurece-se com o enfermeiro por que lhe não dá mais de comer.

18. — Pedê para sahir o que lhe não foi concedido.

19. — Aproveita a occasião em que o enfermeiro vai á cosinha e foge em companhia da mulher que se achava na enfermaria.

23. — Fomos chamado ao domicilio do doente que se achava com uma recahida em virtude da irregularidade de regimen. Não tem diarrhêa, nem vomitos. Purgativo.

24. — Temp., m. 39°,5; t. 40°.

25. — Temp., m. 38; t. 40°.

26. — Temp., m. 38°; t. 39°,7.

27. — Temp., m. 38°,7; t. 39°,2.

28. — Temp., m. 38,4 ; t. 39,5.

29. — Temp., m. 38,4 ; t. 39,6.

30. — Temp., m. 38 ; t. 38,6. Suores.

31. — Temp., m. e t. 37,8. Suores.

1 de agosto. Temp., m. 37,4 ; t. 37,8. Suores.

2. — Apyrexia completa.

Não tem manchas róseas, nem tem diarrhêa nem tosse nem delirio. Despedimo-nos.

### VI Observação

Joaquim P. casado, lavrador, de 48 annos. Gossou sempre de regular saude.

Está doente desde seis de maio ; ha por conseguinte seis dias.

Accusa symptomas do principio de uma febre typhoide ; epystaxis, insomnia, estupôr ligeiro e sobre tudo uma diarrhêa muito abundante ; não tem delirio. Tem alguns zumbidos d'ouvidos ; responde claramente.

Ventre ligeiramente abaulado, manchas róseas lenticulares sobre o abdomen. Som de gorgolejo na fossa iliaca direita. A lingua está secca, escura no centro e rubra sobre os bordos. O baço está augmentado de volume. Temp. 39,2, cly. phenicado, loções de vinagre aromatico, leite.

43. — Temp., m. 39 ; t. 40,2.

44. — Temp., m. 38,6 ; t. 39,8.

Trat. 15 grammas de Sedlitz de Clyster.

45. — Temp., m. 38,9 ; t. 39. Clyster phenicado.

46. — Temp., m. 39 ; t. 39,8. Sedlitz de Ch. clyster phenicado.

47. — Temp., m. 39,9 ; t. 40,6. Loções de vinagre aromatico, clyster phenicado.

18. — Temp. m. e t. 40. O doente dorme e acha-se melhor; o estupôr não augmenta. Loções de vinagre aromatico.

19. — Temp., m. 39; t. 40,2. Loções, clyster phenicado, seguido de abundantes suores.

20. — Temp., m. 38,2; t. 39,4. Passou o dia e noite bem. Loções.

21. — Temp., m. 38,8; t. 39,2. Loções, leite.

22. — Temp., m. 39; t. 49,7. Fraqueza do murmurio vesicular, na base do pulmão. Tintura d'iodo na região affectada. Poção: aguardente, 30 grammas. Kermés mineral, 5 decigrammas; às colheres.

23. — Temp., m. 38,8; t. 39,2. O doente tem espectorado muito, sendo os escarros muito espessos.

24. — Temp., m. 39,3; t. 40. Alguns sarridos. Continua a poção de kermes.

25. — Temp., m. 39,5; t. 40. Café.

26. — Temp., m. 39,5; t. 39,8. Desappareceu a diminuição do murmurio vesicular. Cessou a poção.

27. — Temp., m. 37,8; t. 40. Pulso 120. Clyster phenicado seguido de suores.

28. — Temp., m. 37,8; t. 38,5. Lingoa humida, coberta de uma espessa camada saburrosa.

29. — Temp., m. 37,6; t. 38,2. As noutes são boas, bem como os dias; os escarros diminuem, a respiração é regular; o doente está muito emagrecido.

30. — Temp. m. e t. 37,8. A lingoa está humida e a camada saburrosa tem desapparecido. Uma sôpa de pão torrado no caldo.

31. — Convalescença. Sôpa de leite.

4 de junho. As melhoras continuam sempre.

4. — Bife na grelha, leite e caldo.

7. — Levanta-se; despedimo-nos.

## VII Observação

José C.; 27 annos, solteiro, trabalhador, deu entrada no hospital provisorio a 9 de junho e havia 9 dias que estava com uma febre typhoide bem caracterizada.

Accusa uma cephalalgia occipito frontal muito violenta, insomnia. Epystaxis; duresa d'ouvido.

Congestão pulmonar, sobretudo á direita.

Dôr e som de gorgolejo na fossa iliaca direita. Quatro manchas roseas lenticulares. Diarrhêa.

Estado geral grave, adynamia. Temp., t. 40,4. Pulso 120.

Tratamento: dois sinapismos na região thoracica; clyster phenicado.

10. — Temp., m. 39,1; t. 40. Cephalalgia, insomnia completa.

Loções de vinagre aromatico.

11. — Temp., m. 39,7; t. 40,2. Insomnia. Extracto thebaico 10 decigrammas em trez dózes.

12. — Temp., m. 39,2; t. 40,5. Dormiu regularmente. Clyster phenicado, seguido de abundantes suores.

13. — Temp., m. 39,2; t. 39,7. dormiu bem.

14. — Temp., m. 38,8; t. 39,5. Epystaxis dôres de cabeça, alguns vomitos.

Trat. Agoa de Sedlitz.

15. — Temp., m. 39,1; t. 40. Desapparece a dôr e som da fossa iliaca direita. Sulfato de quinina 1 gramma nas 24 horas.

16. — Temp., m. 38,9; t. 39,7. Sarridos mucosos no pulmão direito.

Sparadrappo de cantharidas na região affectada.

17. — Temp., m. 38; t. 38,4. Desappareceram os suores.

19. — Temp., 38, t. 38,2. O estado geral melhor.

20. — Temp., m. 37,8; t. 38. O mesmo estado.

21. — Temp., m. 37,5; t. 38,8. O doente pede de comer. Uma sôpa de pão torrado no caldo.

22. — Temp., m. e t. 37,2.

23. — Convalescença. Sôpa de pão torrado e á tarde um pequeno bife.

24 e d'ahi até ao dia 2 de julho em que saiu a convalescença correu rapidamente.

### VIII Observação

Anna P. solteira, 23 annos, jornaleira; entrou para o hospital provisorio a 7 de junho.

Ha dez dias que sentia uns calefrios, e ha quatro que tem epystaxis, diarrhêa ha trez dias com cephalalgia e zumbidos nos ouvidos.

Dôr na fossa iliaca, sem som de gorgolejo. Não tem manchas róseas. Lingoa humida e tremula.

O pulmão e o coração nada accusam. T. m. 39.

Vinho fino com 30 grammas d'aguardente para as 24 horas.

8. — Temp., m. e t. 39,2. Pulso 120.

Loções de vinagre aromatico, 4 gr. de sulfato de quinina nas 24 horas; cem grammas de vinho fino com 40 grammas d'aguardente.

9. — Temp., m. 38,4; t. 39. Diarrhêa, surdez, rubôr no sacrum.

Pulso cheio, regular. Sulfato de quinina 4 gr.

10. — Temp., m. 40,2; t. 40,4. Pelle quente, secca, zunidos, respiração rude, sem sarridos, al-

gumas manchas róseas lenticulares. Pulso 109. Loções de vinagre aromatico, agoardente 50 grammas misturadas em 400 grammas de vinho fino, para as 24 horas. Clyster.

41. — Temp., m. 38 ; t. 38,6. Um pouco de diarrhêa.

42. — Temp., m. 38,2 ; t. 39,9. Loções de vinagre aromatico.

43. — Temp., m. 38,6 ; t. 38,8. Vinho fino.

44. — Temp., m. 39,4 ; t. 39,7. Loções. Vinho com agoardente internamente.

45. — Temp., m. 38,2 ; t. 38,8. Dormiu bem.

46. — Temp., m. 38 ; t. 38,1. Pedê de comer. Leite e uma sôpa de pão torrado no caldo.

47. — Temp., m. 37,7 ; t. 38. Leite, um pouco de bife á tarde, vinho fino quer no caldo, quer simples, 400 grammas nas 24 horas.

48. — Temp., m. 37,2 ; t. 37,7. Excellente estado. Augmenta-se a dose do bife.

49 e d'ahi até 27 em que sahiu completamente curado, o pulso e a temperatura conservou-se sempre regular.

## CONCLUSÕES

1.<sup>a</sup> — A's agoas que em geral a população bebe em Mira, impregnadas de dejecções de typhosos e de materias organicas em decomposição, se deve a origem da febre typhoide.

2.<sup>a</sup> — A's más condições hygienicas, quer geraes, quer individuaes, se deve attribuir a propagação da epidemia.

3.<sup>a</sup> — A uryicultura contribue em extremo para as pessimas condições hygienicas em que está a maior parte dos habitantes do concelho.

4.<sup>a</sup> — A variação do nivel d'agoa entra como factor das más condições hygienicas.

5.<sup>a</sup> — A' negação completa para a hygiene individual e para o uso dos medicamentos, se deve em parte a grande mortalidade que costuma haver nas epidemias de febres typhoides.

6.ª — Por consequencia não póde deixar de ser devido ás condições contrapostas do meio hygienico, em que se encontraram os doentes no hospital provisorio, o bom resultado do tratamento dos doentes ahi recolhidos, quando não concorressem efficaçmente as virtudes pharmacologicas dos medicamentos empregados.

7.ª — E finalmente a terminação da epidemia proveio na verdade da subtracção dos individuos á acção das causas deleterias, extinguindo-se o mal á falta de materia sobre que se exercesse effeitos morbigenos, etc., suspendido rigorosamente o contacto com os doentes que isolados da população não mais fossem focos d'infeccionamento ou de contagio.

## PROPOSIÇÕES

---

**Anatomia.**—As cellulas de nevrogia são cellulas nervosas embrionarias.

**Physiologia.**—A bilis é uma excreção.

**Materia medica.**—O melhor meio de applicar o ferro é debaixo da forma de protochloreto.

**Pathologia geral.**—A lavagem do estomago pode ser um meio de diagnostico nas doenças gastricas.

**Pathologia cirurgica.**—Nas synovites fungosas optamos pela arthrotomia ignêa, combinada com o penso de Lister.

**Pathologia medica.**—No tratamento da febre typhoide seguimos a medicação symptomatica.

**Medicina operatoria.**—Nos individuos até 15 annos preferimos a talha á lithotricia.

**Anatomia pathologica.**—As lesões fundamentaes, essenciaes, da febre typhoide teem sua séde no aparelho lymphoide do intestino, nos ganglios do mesenterio e no baço.

**Partos.**—Regeitamos a theoria de Sympson no mechanismo das hemorrhagias da placenta prévia.

**Hygiene.**—Á má alimentação das nossas povoações ruraes se deve attribuir a grande mortalidade.

---

Approvada.

Dr. Souto.

Póde imprimir-se.

O CONSELHEIRO DIRECTOR,

Costa Leite.